

MULHERES LEITORAS E ESCRITORAS NO BRASIL DO OITOCENTOS

BRAZILIAN READERS AND WRITEN WOMEN IN 19TH CENTURY

Simone Cristina Mendonça

Unifesspa

Resumo: A atuação das escritoras brasileiras durante o século XIX tem sido um tema caro aos pesquisadores nas últimas décadas, focando-se em questões como o (não)reconhecimento de sua produção por parte da crítica coetânea. Na presente comunicação, traremos algumas contribuições sobre o tema, iluminadas pelas reflexões que fez Júlia Lopes de Almeida no início do século XX. Em “A mulher e a arte”, manuscrito sem data, felizmente transcrito e publicado recentemente (RAGO & TREVISAN, 2019), Almeida tenta mudar o quadro do desconhecimento do público sobre a participação das mulheres nas artes, principalmente no que tange à literatura, alertando que, mesmo tolhidas das condições de que os homens dispunham (instrução, estímulo social, liberdade), elas conseguiram adentrar o mundo das artes. A escritora cita duas dezenas de nomes de mulheres atuantes nas artes e nas ciências, fortalecendo o argumento de que já não era possível impedir-lhes a atuação. Com o mesmo intuito, além de comentarmos sobre o acesso à leitura por parte das mulheres no século XIX, elencamos algumas brasileiras intelectuais oitocentistas e suas publicações. Além desse texto base, outras leituras, ficcionais e teóricas, nortearão as reflexões, como Chartier (2001), Duarte (2003), Zolin (2005), Louro (2008), Trevisan (2020), Almeida (2021) e Santana (2021).

Palavras-chave: leitoras e escritoras brasileiras; século XIX, cânone literário.

Abstract: The performance of Brazilian female writers during the 19th century has been topic for researchers recently, focusing on issues such as the recognition (or not) of their production by critics. In this communication, we will bring some contributions on the subject, based on the reflections that Júlia Lopes de Almeida made at the beginning of the 20th century. In “A mulher e a arte”, an undated manuscript, fortunately transcribed and recently published (RAGO & TREVISAN, 2019), Almeida tries to change the picture of the public’s lack of knowledge about the participation of women in the arts, especially with regard to literature, warning that, even hampered by the conditions available to men (education, social stimulus, freedom), they managed to enter the world of the arts. The writer cites more than twenty names of women active in the arts and sciences, strengthening the argument that it was no longer possible to prevent them from acting. With the same purpose, besides comment about women access to the read in 19th century, we list some Brazilian intellectuals from the 19th century and their publications. In addition to this basic text, other readings, fictional and from theory, will guide the reflections, such as Chartier (2001), Duarte (2003), Zolin (2005), Louro (2008), Trevisan (2020), Almeida (2021) and Santana (2021).

Key-words: Brazilian readers and writers, 19th century, literary canon.

Recebido em 13 de outubro de 2023

Aprovado em 30 de dezembro de 2023.

Introdução: Mulheres do século XIX e práticas de leitura e escrita

“Quer dizer, o que é uma mulher? Juro que não sei. E duvido que vocês saibam. Duvido que alguém possa saber, enquanto ela não se expressar em todas as artes e profissões abertas às capacidades humanas” (WOOLF, 2013, p. 14).

Neste trabalho, nos propomos a contribuir para uma reflexão acerca da história da leitura, da história da literatura e da história da imprensa, colocando em cena mulheres de letras, na linha de pesquisa chamada “crítica feminista”. Lançamos luz sobre algumas escritoras brasileiras do século XIX e do início do século XX, as quais não alcançaram o devido reconhecimento por parte dos críticos, com especial atenção àquelas que se dedicaram ao ensino ou às publicações voltadas para as crianças.

A contribuição vem, então, a partir de um trabalho de resgate. A pesquisadora de crítica feminista Lúcia Osana Zolin (2005) é quem nos embasa sobre o termo “resgate”, ao enumerar estudos feitos por pesquisadores brasileiros, desde as últimas décadas do século XX, como, por exemplo, os do Grupo de Trabalho “Mulher e Literatura”, da ANPOLL-Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística. Zolin explica que, a partir de 1999, as linhas de pesquisa dedicadas aos estudos sobre mulher e literatura no Brasil especificaram-se em “‘Resgate’, ‘Teoria e críticas’, ‘Interdisciplinaridade’ e ‘Representação’” (ZOLIN, 2005, p. 201), sendo a primeira delas assim definida:

1) Pesquisa e constituição de um *corpus* significativo da produção desconhecida da literatura de autoria feminina do passado, tornadas invisíveis pela mediação crítica quase exclusivamente masculina, a partir de uma postura revisionista, que dê um novo olhar sobre velhos textos. 2) Estudo desse *corpus* para desconstruir os saberes hegemônicos, buscando outros (ZOLIN, 2005, p. 202).

Partindo-se de tais considerações teórico-metodológicas, intentamos elencar algumas brasileiras intelectuais e suas publicações, dentro de um contexto oitocentista no qual a relação das mulheres com a leitura e a escrita de textos literários era até mesmo contraindicada, devido aos prejuízos que (assim se acreditava) dela poderiam advir.

Acerca da leitura feita pelas mulheres, Márcia Abreu, em pesquisa já basilar sobre a censura prévia de livros de ficção, enumera vários discursos europeus, dentre os quais, a título de exemplo, citamos o religioso Massilon, em fala detratadora ao gênero romance,

condenando sua leitura, por meio da qual “a mulher cristã aprende a enganar os olhos de seu marido, a violar a santidade do leito conjugal”¹ (ABREU, 2003, p. 274).

Tal como o religioso, outras vozes levantaram-se contra o gênero, aludindo seus defeitos e os perigos representados junto às leitoras, pois, tendo muito menos acesso à instrução, as mulheres formavam um público-alvo dos romances. Se o aprendizado da escrita nas escolas era limitado, sobretudo para as mulheres, a leitura doméstica, mediada por um familiar ou por algum(a) professor(a) contratado(a) iniciaria um caminho para a leitura, cujo trajeto, imprevisível, poderia não ser aquele que mais agradaria aos homens por elas responsáveis, como o que conduz aos romances, que tanto agradaram ao público leitor feminino.

Em um tempo em que os materiais impressos disponíveis para leitura nem sempre estavam ao alcance físico das mulheres, os jornais e os textos literários publicados nesse suporte, sobretudo os folhetins, significariam meios de acesso à cultura letrada e à formação leitora autodidata. Às oportunidades de leitura proporcionadas pelos jornais, somaram-se as de escrita, aproveitadas, como sabemos, pelos escritores, mas também com algum espaço para as escritoras. Quanto à escrita e a contribuição com artigos em jornais e revistas, especificamente em Portugal, Fabio Mario da Silva pondera:

Ser mulher (mãe, esposa e senhora do lar) e ser escritora no século XIX são perfis femininos que entram em conflito, porque violam os padrões de família e de feminilidade para a época. Por outro lado, com o aumento significativo de leitoras oitocentistas, percebeu-se a necessidade da existência de escritoras pensando em obras dirigidas às leitoras, visto que elas saberiam melhor dialogar com o universo feminino, pelo menos no que diz respeito ao surgimento de uma imprensa especializada e feita só para esse público (SILVA, 2022, p. 49).

Ainda com Silva (2022) e suas contribuições sobre a Ana Plácido (1831-1895), podemos visualizar matérias específicas que compunham o aprendizado esperado para as moças oitocentistas de classes mais abastadas: o estudo da música e de línguas estrangeiras, não somente para leituras, mas para formação e conservação de certo *status*, valorizando-as para matrimônios satisfatórios, do ponto de vista material e social.

Além do uso da leitura como requisito de preparação das mulheres para um bom casamento, por meio das pesquisas do historiador Martin Lyons, reconhece-se que a alfabetização das meninas europeias relacionou-se também às necessidades práticas da participação de mulheres no mercado de trabalho:

¹ A fonte consultada pela pesquisadora Márcia Abreu foi o *Discour inédit de Massilon, sur lê danger des mauvaises lectures, suivie e plusieurs pieces intéressantes*. Paris: Beaucé, 1817.

Como consequência, a oferta de instrução formal para meninas parece seguir, e não preceder, a crescente participação feminina no público leitor. A expansão de oportunidades de empregos para as mulheres (por exemplo, como professoras, vendedoras nas lojas e assistentes nos correios) e a modificação gradual das expectativas das mulheres foram fatores adicionais no incremento do nível de alfabetização feminina (LYONS, 2002, p. 168).

No Brasil, a história foi parecida no que tange ao investimento na formação de docentes para as escolas primárias, intento que, embora inicialmente concebido para moços e moças, tomou contornos exclusivamente femininos, proporcionando uma oportunidade de trabalho para as mulheres, ainda que com remuneração menor. Guacira Lopes Louro, em primoroso ensaio intitulado “Mulheres na sala de aula”, ao descrever o processo de criação das escolas para formação de professores e a curiosa diminuição do número de homens inscritos, destaca os receios daqueles que viam com maus olhos a atuação das mulheres nas escolas. Por outro lado, criou-se uma conveniente estratégia argumentativa: relacionar o magistério com a inclinação da mulher à maternidade. Na batalha de opiniões, vencem as favoráveis, em resumo:

As escolas normais se enchem de moças. A princípio são algumas, depois muitas; por fim os cursos normais tornam-se escolas de mulheres. Seus currículos, suas normas, os uniformes, o prédio, os corredores, os quadros, as mestras e mestres, tudo faz desse um espaço destinado a transformar meninas/mulheres em professoras. A instituição e a sociedade utilizam múltiplos dispositivos e símbolos para ensinar-lhes sua missão, desenhar-lhes um perfil próprio, confiar-lhes uma tarefa. A formação docente também se feminiza (LOURO, 2008, p. 454-455).

A escritora Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) retratou na ficção a possibilidade de profissionalização e de ascensão social femininas por meio do magistério, no romance *Memórias de Martha*, publicado em folhetins no ano de 1888. A protagonista, narradora de suas memórias, lutou para assegurar o sustento e um lar para sua mãe, viúva, por meio do salário obtido na docência. Assim, ao traçar a trajetória de Martha (formada e assalariada, ainda que modicamente), a autora reforça a defesa de acesso das mulheres à educação formal e de qualidade. No entanto, preservando-se os limites dos padrões de comportamento da época, Júlia Lopes de Almeida trama um casamento involuntário para a personagem, praticamente obrigada pela mãe a aceitar a corte de um homem mais velho, admitindo que: “A reputação da mulher é essencialmente melindrosa. Como o cristal puro, o mínimo sopro a enturva” (ALMEIDA, 2020, p. 103).

O romance, como meio para se advogar a favor das mulheres e de seus direitos, parece retroceder em seu desfecho, funcionando também como mecanismo de manutenção de (pre)conceitos concebidos por uma ética patriarcal oitocentista. Não

obstante, considerando os poucos recursos de Martha e sua mãe, subentende-se a crítica ao pensamento de certa camada da sociedade, a burguesa, para com aquela mais numerosa e menos valorizada, a dos pobres, para qual as mulheres sem homens na família que lhes assegurassem melhores recursos, as bodas seriam a saída inevitável. Reconhecemos e valorizamos, portanto, a escritora Júlia Lopes de Almeida, em cujas ideias nos baseamos para o próximo tópico.

1. As mulheres nas artes

Recentemente, as pesquisadoras Luzia Margareth Rago e Gabriela Trevisan (2019) apresentaram os estudiosos que se interessam pela temática das mulheres no século XIX com a publicação de “A mulher e a arte”, um texto datilografado em 16 laudas, transcrito do acervo hoje pertencente à Academia Brasileira de Letras.

Segundo as autoras, para o escrito de Júlia Lopes de Almeida, sem data informada, há várias hipóteses de origem: pode ter sido feito para uma palestra proferida em 1918, em Bagé/RS, conforme anúncio de jornal, por elas encontrado; pode ter tido atualizações da escrita em 1926, detectada pela referência que fez a conferencista à ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura, Grazia Deledda, naquele ano; pode ter sido escrito em 1926, para um evento não anunciado em jornais; ou mesmo pode ser de outra data, ainda não descoberta, devido às dificuldades trazidas pela pesquisa em fontes primárias, como os anúncios de jornais da época.

Os fatos apresentados são que o texto foi formulado para ser proferido, não foi publicado, mas, de acordo com os jornais pesquisados por Rago e Trevisan (2019), foram várias as vezes em que a literata proferiu a palestra “A mulher e a arte”, assunto sobre o qual carecia-se de discussão nos primórdios do século XX.

Segundo ela [Júlia Lopes de Almeida], se o talento feminino foi, por muito tempo, desprezado, ele era finalmente reconhecido, e o espaço das mulheres na arte se estabelecia, constituindo um processo que não poderia mais ser contido. Dessa forma, Júlia Lopes de Almeida denuncia a cultura patriarcal, não sem também trazer à tona uma feminização da cultura que cada vez mais se consolidava, construindo seus pilares sobre uma crítica e uma poética feminista (RAGO & TREVISAN, 2019, p. 4).

Poetisa, ficcionista e teatróloga, Júlia Lopes de Almeida dava um pontapé inicial para sanar o problema do desconhecimento do público sobre a participação das mulheres nas artes, principalmente no que tange à literatura, alertando sobre a ausência de condições de produção artística para as mulheres. Elas não recebiam o mesmo nível de

educação formal que os homens, nem eram estimuladas a produzir ou nem tinham liberdade para tal.

É verdade que já havia avanços desde meados do Oitocentos nas questões sobre a educação das mulheres, como os registrados por José Veríssimo (1857-1916), em 1890. Ao escrever *A educação nacional*, observou que:

A melhoria da instrução da mulher começou no Brasil vai por um terço de século, com a criação das Escolas Normais, para formar professoras primárias. Antes disso, somente as moças de famílias abastadas recebiam alguma instrução, por via de regra deficiente e de aparato, já em casa de seus pais, com mestres particulares, já em colégios também particulares, que há mais de meio século tem existido no Brasil, como uma indústria lucrativa (VERÍSSIMO, 2013, p. 162).

Para o crítico da Literatura, atento às mudanças no cenário letrado de sua época, aos poucos as mulheres conseguiam frequentar instituições formais de ensino. O caminho para a democratização do acesso feminino às escolas, à profissionalização e à autoria foi tortuoso, contudo, apesar dos muitos obstáculos, as mulheres estavam conseguindo adentrar o mundo das artes.

Na provável palestra proferida por Júlia Lopes de Almeida, duas dezenas de nomes de mulheres atuantes nas artes e nas ciências são citadas como exemplo, fortalecendo o argumento de que já não era possível impedir-lhes a atuação. Destaque-se o fato de a palestrante ter percebido que as mulheres já nem estavam mais recorrendo tanto ao uso de pseudônimos masculinos para serem aceitas.

A escritora comenta um cenário internacional, no qual desfilam mulheres atuantes nas Letras e nas Artes, bem-sucedidas e até mesmo premiadas, como a alertar o público ouvinte quanto a um movimento global de inserção feminina em ambientes dominados pelos homens. Movimento não recente, sobretudo na Europa. No Portugal oitocentista, por exemplo, o pesquisador Fabio Mario da Silva esclarece sobre o desejo das mulheres de cultivar a escrita:

Copiando modelos franceses, essas senhoras da alta elite participam da instituição e delimitação do que seria a ideia de feminino/feminização social da cultura destinada às mulheres, sendo instruídas para o papel do lar, mas com incentivo a (e descoberta de) outros conhecimentos. Daí a necessidade que muitas têm, em vez de serem leitoras, de se tornarem o agente ativo, sendo produtoras de conteúdos, jornalistas, escritoras, consultoras (SILVA, 2022, p. 35).

O autor nos desafia a refletir sobre o “modelo burguês de atuação social” (SILVA, 2022, p. 41) para o período que delegava às mulheres obrigações com o lar e os filhos.

Muitas mulheres desafiaram tal modelo, forjando, em meio às responsabilidades, algum tempo para dedicação à escrita, cientes dos enfrentamentos que a ousadia desencadearia.

2. Mulheres escritoras no Brasil do Oitocentos

No presente tópico, vêm à baila alguns exemplos de intelectuais brasileiras do período oitocentista, iniciando com a educadora e escritora Maria Guilhermina Loureiro de Andrade (1839-1929), “filha de João Estanislau Pereira de Andrade e Leonor Augusta Loureiro de Andrade – ele funcionário público, ela professora pública de primeiras letras [...] Sua mãe teve esmerada educação, tendo sido aluna de Beatriz Brandão” (CHAMON, 2008, p. 79).

[...] sua formação se deu em um ambiente familiar mais propício e aberto à instrução feminina, sendo bastante provável que ela e suas irmãs tenham seguido os mesmos passos da educação da mãe, assim como lhe seguiram no exercício da docência. Na verdade, D. Leonor e suas filhas faziam parte, nesse momento, de um grupo ainda pequeno de mulheres que tiveram acesso a uma certa educação intelectual e de um grupo ainda menor que se dedicou à docência (CHAMON, 2008, p. 80).

Tendo estudado nos Estados Unidos, onde tomou conhecimento da pedagogia norte-americana, Maria Guilhermina exerceu diversos cargos na docência, incluindo diretora e fundadora de escolas, uma delas destinada ao chamado jardim da infância. No campo da educação, atuou também como autora, tanto de materiais didáticos (como compêndios, manuais de ensino e livros de leitura) quanto de artigos e traduções de estudos teóricos sobre a temática pedagógica, especialmente para a infância (CHAMON, 2008, pp. 81-83).

Retomando o início do tópico, cabe apresentarmos a professora da mãe de Maria Guilhermina, a citada Beatriz Francisca de Assis Brandão (1779-1868), fundadora de uma escola de primeiras letras para meninas em Ouro Preto/MG, no ano de 1830. Em sua instituição, além de ensinar as alunas a ler e a escrever, inseria no currículo “atividades manuais (bordado, costura, artesanatos) e conhecimentos de música” (FLEXA & MENDONÇA, 2021, p. 138). Também foi musicista, tradutora e poetisa, tendo publicado poesias em jornais e em um compêndio.

Assim como Beatriz Brandão, Maria Guilhermina e sua mãe, muitas foram as professoras de primeiras letras que se dedicaram à educação de meninas no Brasil imperial, a imensa maioria delas têm seus nomes totalmente desconhecidos na atualidade, mas os registros de fontes primárias revelam sua atividade assalariada. A título de exemplo, citamos a senhora Policiana Tertuliana de Oliveira, que requereu à Tesouraria

da Fazenda o pagamento por seu trabalho na cidade de São João Del Rei, segundo manuscrito conservado na Biblioteca Nacional e disponibilizado na Hemeroteca digital².

Avançando cronologicamente, encontramos no jornal *A Reforma: órgão do Grêmio do professorado Bahiano*, em sua edição de 17 de julho de 1890, a informação de que os nomes de professores inscritos nas chamadas “Cadeiras de primeira classe”, eram apenas femininos. Ao todo, 34 mulheres foram aprovadas na ocasião para lecionarem as primeiras letras na província (*A Reforma*, 17/07/1890, p. 3).

Porém, no fim do século, as mulheres já não eram professoras somente de primeiras letras. No âmbito das aulas particulares, mestras de matérias mais específicas ofereciam suas aulas em anúncios do mesmo jornal citado, como D. Anna Amélia de Carvalho e D. Elisa Mendes de Albuquerque, docentes de “Chymica e Physica” e “Sciencias Naturaes”, respectivamente (*A Reforma*, 17/07/1890, p. 4).

As professoras do período oitocentista por vezes também se aventuraram em escrever livros, alguns dos quais para instrução e recreio das crianças, auxiliando a educação dos pequenos, contribuindo com a escassez de materiais adequados e [por que não?] aproveitando a oportunidade para exercerem a autoria em um nicho do mercado editorial no qual teriam maior facilidade para serem bem-vindas.

Assim fez Francisca Júlia da Silva (1871-1920), que se iniciou como docente em 1895, ano de lançamento de seu livro de poemas *Mármore*s. Lembrada esparsamente por seus versos parnasianos, a educadora, além dos muitos poemas impressos em periódicos finisseculares, escreveu o *Livro da infância* (1899), conforme ilustrado na Figura 1, o qual foi utilizado em escolas paulistas. A obra vinha prefaciada por um homem, seu irmão, Júlio da Silva, com quem, posteriormente, publicou em parceria *Alma infantil* (1912), também adotado como livro escolar pelo Estado de São Paulo (SILVA & PINTO, 2022, pp. 149-152).

Figura 1. Frontispício de *O Livro da Infância* (1899).

2 [Processo referente ao requerimento de Policiana Tertuliana de Oliveira solicitando o pagamento de seus ordenados, como professora de primeiras letras da vila de São João del Rei.] Manuscrito. 10 nov. 1831.

Francisca Julia da Silva

Livro da Infancia

COM UM PREFACIO

DO

Dr. Julio Cesar da Silva



São Paulo
 TYPOGRAPHIA DO «DIÁRIO OFFICIAL»
 1899

Fonte: <https://digital.bbm.usp.br/view/?45000009364#page/4/mode/2up>.
 Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Consulta em 21/06/2023.

Concluindo a reflexão sobre mulheres professoras e escritoras em nosso país, apontamos Mariana Gonçalves da Luz (1871-1960), maranhense com produção intelectual diversificada, de poemas a cantos religiosos, passando por composições musicais, crônicas e peças teatrais. A escritora viveu sua mocidade ainda no século XIX, publicando em jornais locais, conforme pesquisa realizada em fontes primárias por Gabriela Santana, comprovando que: “ainda jovem, por volta dos vinte e cinco anos de idade, a escritora viu sua reputação consolidar-se e sua fama crescer entre os maranhenses” (SANTANA, 2021, p. 25).

Como sua família estava em condições econômicas favoráveis, Mariana Luz pode estudar em casa, com professores contratados, antes de ir para São Luís/MA, continuar seu aprendizado. Iniciou-se como professora ainda na adolescência e permaneceu na carreira até avançada idade. Sobre suas publicações, também com base em Santana (2021, p. 33), é possível dizer: “A presença de produções luzianas nos jornais aconteceu de maneira intensa no período que vai da última década do século XIX até a segunda década do século seguinte”.

Já na senilidade, aos 88 anos, viu sair à luz a edição de seus poemas no livro *Murmúrios*, em 1960, mesmo ano de seu falecimento. No entanto, apesar do reconhecimento local em vida, foi também esquecida dos estudos literários por longos anos.

Durante os séculos XVIII e XIX, cristalizou-se o papel da mulher como primordialmente mãe e esposa. Algumas mulheres, contudo, à custa de muito esforço, alcançaram o lugar de professoras e escritoras. Para elas, quebrar as barreiras, penetrar em um universo dominado pelos homens, ter seu talento reconhecido, seguramente foi uma tarefa árdua, fruto de espíritos inquietos e ousados (SANTANA, 2021, p. 35).

Com Mariana Luz não foi diferente, porquanto sofreu preconceitos diversos. Além de criticada por não ter se casado e não ter tido filhos, enfrentou o preconceito racial. “A atitude aguerrida dessa mulher que ousou tornar-se escritora em um universo fortemente patriarcal, que viveu do seu próprio trabalho, que lutou por sua inserção no mundo público, gerou desafetos” (SANTANA, 2021, p. 27).

Considerações finais

Nem todas as mulheres do século XIX e início do século XX teriam como dedicar-se à leitura e à escrita, no que se refere às condições financeiras, pois sabemos que muitas delas precisavam trabalhar para própria sobrevivência, geralmente em trabalhos árduos que, absolutamente, não lhes permitiam horas de ócio. Júlia Lopes de Almeida reconhece tal contexto em sua fala sobre as mulheres e a arte³:

Estremeço á ideia dos milhares de raparigas moças que errem por todo este mundo tateando nas trevas da ignorancia ao mesmo tempo que sentem transluzir no fundo confuso do cerebro a entrelinha magica da inspiração. Resta ás veses um acaso feliz de um momento para esclarecer uma inteligencia, mas o acaso feliz não costuma passear pelo bairros da miseria e é raro assim a pobre que o encontre no seu caminho... (ALMEIDA *apud* RAGO & TREVISAN, 2019, p. 364).

E aqui, encerramos nossa reflexão, retomando a autora de nossa epígrafe. Na edição de *Profissões para mulheres*, traduzida por Denise Bottman (2013), há uma pequena nota biográfica informando que Virgínia Woolf (1882-1941) começara a escrever ainda na mocidade, com importantes contribuições para a imprensa jornalística já nos primeiros anos do século XX e romances publicados a partir de 1915. Na conferência que dá título ao livro, pronunciada em 1931, ao discorrer sobre como começou a escrever, a autora inglesa reconhece que dispunha de condições financeiras para não precisar viver de seus escritos, desde cedo remunerados. Confessa que, com os primeiros valores recebidos por seu trabalho, comprou um gato persa. Isso abre caminho para outras reflexões, em momentos futuros.

³ Manteve-se a grafia conforme o original, assim como fizeram as pesquisadoras que publicaram o manuscrito da conferência.

Referências:

- ABREU, Márcia Azevedo de. Conectados pela ficção: circulação e leitura de romances entre a Europa e o Brasil. *O eixo e a roda*. Belo Horizonte, V. 22, n. 1, 2013.
- ABREU, Márcia Azevedo de. *Os caminhos dos livros*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura no Brasil; São Paulo: Fapesp, 2003.
- ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Memórias de Martha*. Rio de Janeiro: Janela amarela, 2021.
- CHAMON, Carla Simone. A trajetória profissional de uma educadora: Maria Guilhermina e a pedagogia norte-americana. *História da Educação*. Pelotas, V. 12, n. 24, p. 73-99, Jan/Abr 2008.
- FLEXA, Andreza dos Santos; MENDONÇA, Simone Cristina. Dona Beatriz Brandão: Os Pendores Poéticos de uma Prima-Irmã na Imprensa Oitocentista Brasileira. In: CARVALHO, Érica dos Santos. (Org.). *Linguística e Literatura: Cultura, Sociedade e História - Volume 5*. Formiga (MG): Editora Real Conhecer, 2021. p. 136-145.
- LOURO, Guaciara Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (Org.) *História das mulheres no Brasil*. 9ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 443-481.
- LYONS, Martin. Os novos leitores do século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). *História da leitura no mundo ocidental*. Trad. Cláudia Cavalcanti, Fúlvia M. L. Moretto, Guacira Marcondes Machado, José Antonio de Macedo Soares. v. 2. São Paulo: Ática, 1999. p. 165-202.
- RAGO, Luzia Margareth; TREVISAN, Gabriela Simonetti. “A mulher e a arte” e a crítica feminista de Júlia Lopes de Almeida. *Revista História: Questões & Debates*. Curitiba, Vol. 67, N.1, p. 347-352, jan./jun. 2019.
- SANTANA, Gabriela de Santana Oliveira. *Mariana Luz: Murmúrios e outros poemas*. São Luís: Edições AML, 2021.
- SILVA, Fabio Mario da. “O século XIX e as mulheres”. In: SILVA, Fabio Mario da. *Ana Plácido e as representações do feminino no século XIX*. Uberlândia, MG: Tavares & Tavares, 2022. p. 27-50.
- SILVA, Márcia Cabral da; PINTO, Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco. “Alma infantil: Hinos e versos cívicos para crianças sob a pena de Francisca Júlia da Silva”. In: MELO, Carlos Augusto de (Org.). *Francisca Júlia Revisitada*. Uberlândia/MG: Ed. Subsolo, 2022. p. 146-167.

TREVISAN, Gabriela Simonetti. A mulher e a arte: a criação feminina nas palavras de Júlia Lopes de Almeida. *PHILLIA – Filosofia, Literatura e Arte*. Porto Alegre, V. 2, n. 2, p. 189-215, novembro de 2020.

VERÍSSIMO, José. *A educação nacional*. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Topbooks; Belo Horizonte, MG: PUC-Minas, 2013.

WOOLF, Virgínia. *Profissões para as mulheres e outros artigos feministas*. Trad. Denise Bottman. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2ª Edição. Maringá: EdUEM, 2005. p. 181-203.

Fontes Primárias:

[Processo referente ao requerimento de Policiana Tertuliana de Oliveira solicitando o pagamento de seus ordenados, como professora de primeiras letras da vila de São João del Rei.] Manuscrito. 10 nov. 1831. Disponível em:

<http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1436001_1448077/mss1445757.pdf>. Consulta em 19 de abril de 2023.

A Reforma: orgao do Gremio do Professorado Bahiano. Bahia [Salvador, BA]: Imprensa Economica, 1890-1891. 49x34cm. Disponível em:

<<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/reforma/823040>>. Acesso em: 20 Apr. 2023.